

FABRÍCIO CARPINEJAR

Olhos de Raposa



Ilustrações Ana Pez

edelbra

1ª edição, 2ª impressão

Ilustrações: Ana Pez

Projeto gráfico: Victória Piffero

Revisão: Mônica Ballejo Canto

C298o

Carpinejar, Fabrício, 1972-

Olhos de raposa / Fabrício Carpinejar; ilustrações de
Ana Pez. – Porto Alegre: Edelbra, 2014.
128 p. : il. ; 14 x 21 cm. – (Coleção Pedacos de Vida, v. 2)

ISBN 978-85-66470-45-1

I. Literatura infantojuvenil. I. Pez, Ana, ilustradora. II.
Título. III. Série.

CDU 087.5

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2015

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

FABRÍCIO CARPINEJAR

Coleção Pedacos de Vida

**Olhos
de
Raposa**

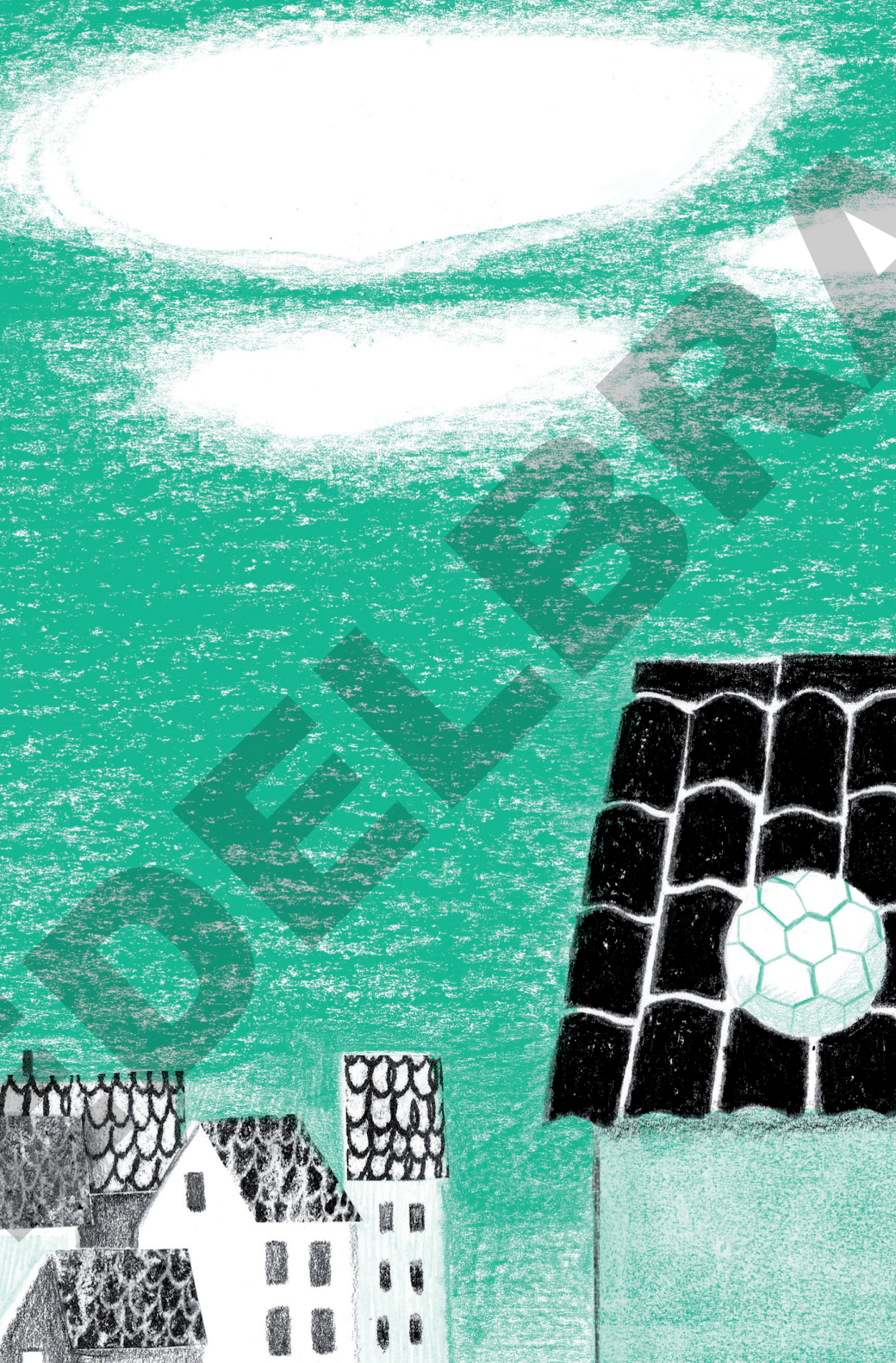
edelbra

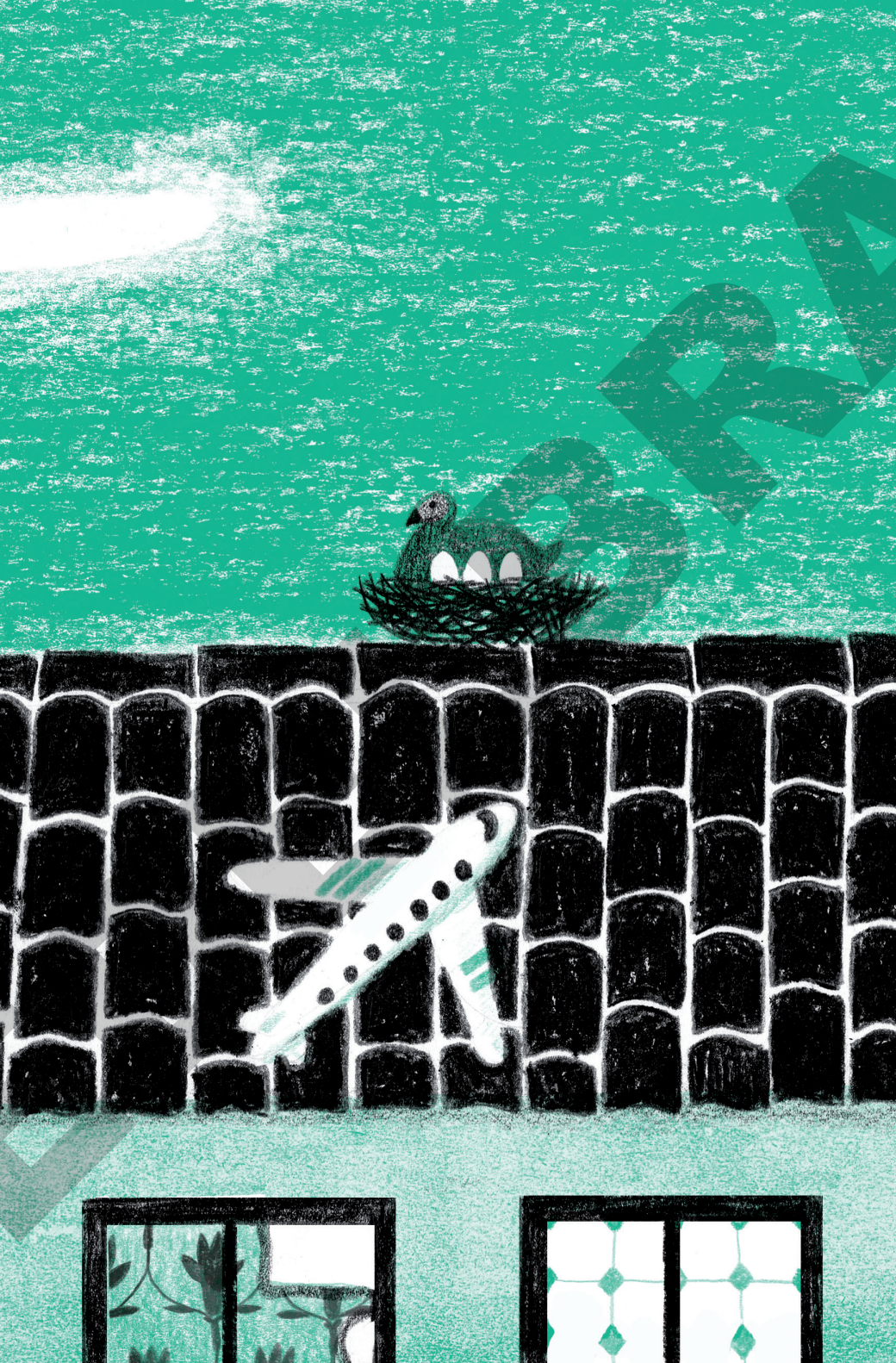
UDELBRA

*Esta é a biografia do meu
olhar paterno. Se não é
real, foi por um detalhe.*

Sumário

Amor discreto	11
Linda mulher estrábica: mãe de meu filho	15
Uma toalha e oito vidas	19
Na balança da maternidade	23
Embrulhado	27
O coração ou a boca	31
A esperança antes da esperança	35
Constrangendo de ternura	39
A bolha coletiva	43
Dicionário aproximado	47
Passarinhada	49
O primeiro gol de meu filho	53
Uma fatia de torta	57
Para que servem os cílios?	61
Geração egoísta?	65
Muito poucos	69
Dia dos pais	73
Uma lista	77
O amor de meu filho pelas mulheres	81
O avião no telhado	85
Bendito violão	89
Quantas pintas em minhas costas?	91
Colo	93
Fábula infantil para adultos	95
Confissão	99
Olhos de raposa	103
Não use o filho como desculpa	107
Meus filhos têm mais passado do que futuro	111
Maliana	115
Hoje sim	117
Me deixe em paz	121
Fabrício Carpinejar	127
Ana Pez	127





AMOR DISCRETO

Conheço bem o amor discreto entre pais e filhos adolescentes. O amor fica escandaloso só depois.

É um amor tênue, quase invisível. Um pouco complicado de se detectar em espaços públicos.

Descubro agora o que meus pais enfrentaram comigo. O que sofreram. Como eu humilhava os dois sem perceber.

A mãe me levava de carro para festas e eu a obrigava parar duas quadras antes, para que ninguém me visse com ela.

- Aqui tá bom!
- Não, eu levo até ali, onde é? Não custa nada.
- Mãe, me deixa aqui. Por favor...
- Não, levo no endereço certo. Qual é?
- Chega mãe, você não me entende.
- Não quer me dizer onde vai?
- Mãe, é que gosto de caminhar.

Batia a porta e não me despedia, levava qualquer discordância como ofensa pessoal. A mãe fazia um favor e eu ainda a xingava como um taxista que não me dava troco.

Não vendi minha mãe, mas a escondia no estoque. Temia ser vítima das piadas dos amigos, e virar o “filho queridinho”. Isso poderia custar a reputação de malandro, a noite com uma menina e meses de gozação entre os colegas. Como explicar que tinha vergonha de me mostrar dependente? Os filhos adolescentes acreditam na telepatia. Nada precisa ser dito, tem de ser entendido.

Receber beijo e abraço dos pais na escola era uma agressão. No máximo, um cumprimento de mão e um sinal com o rosto.

Fui buscar minha filha adolescente em seu colégio. Estou na entrada, eufórico, conversando com os seguranças do prédio e aguardando o sinal. Centenas de alunos correm, desesperados pela luz, e pulam a escada de dois em dois degraus. Eu me esforço em emoldurar seu jeito, sua mochila e seus cabelos diante do tumulto. Quero ser o primeiro a descobri-la. Vejo ela vindo, encabulada, com o uniforme branco e azul. Ponho os braços para cima, e ela passa pela lateral. Ela me dribla sem pudor. Finjo, mudo o destino do corpo, mexo na cabeça para justificar os braços erguidos.

Resmunga “vamos!”, como se estivéssemos sendo seguidos. Caminho lado a lado com ela, um traficante buscando ser o mais natural possível. Tento repassar

sigilosamente minha mão. Passar a cápsula de minha mão. A droga de minha mão. Ela espana os movimentos insistentes.

Andamos três quadras. As árvores cansavam suas sombras. Já havia perdido a esperança de aproximação. Nenhum assunto suspendia o mal-estar do encontro. Até que, ao virar a esquina, longe de todos, ela me abraça furiosamente:

– Paizinho, paizinho, que bom que você veio!

LINDA MULHER ESTRÁBICA: MÃE DE MEU FILHO

Menina vesga. Menina bonita. Menina zarolha. Ana ficou olhando para dentro, devido a uma febre assustadora na infância. Um mormaço que deslocou suas órbitas. Nem o nariz dividia seus olhos. Olhos que não regressavam para jantar com o grito da mãe. Olhos de rua puxando corda. Olho esquerdo apaixonado pelo direito. Ambos conversando na hora de piscar.

Ana sofreu por ser estrábica. Sofreu pelos seus irmãos, que explicavam o que havia acontecido. Ela não se explicava. Ela conservava um olho como um brinco de pérola. O segundo olho era o estojo. Ela dizia que só usaria os dois olhos quando casasse. Menina vesga. Menina romântica. Menina zarolha.

Quando dormia, um olho permanecia acordado, coçando as costas das pálpebras. Queria ter mais cílios para se cobrir. O que pensava o olho na insônia de olho? Que não tinha vivido o suficiente para voltar ao seu lugar. Olho teimoso, birrento.

Ana nunca pediu para que tirassem o cisco do seu olho. O cisco era o próprio olho. Bem que desejava receber o sopro quente de uma boca para alinhar o fir-

mamento. Para acalmar, com a mesma doçura cálida dos panos na febre.

Ela se enroscava nos joelhos de sua mãe. Para que um olho não fosse reparado. Com exceção da carteira de identidade, suas imagens são de lado. Ela viveu de lado.

Um de seus olhos não tirava fotografia. Não gostava de aparecer. Corria sem olhar para trás.

Ana foi julgada pelo olho. Foi constrangida pelo olho. Colegas olhavam seu olho e não a convidavam para dançar. O olho ansiava o fim da festa para voltar a ser olho, e não buraco do olho, ausência do olho, um copo na mesa. Os cabelos pretos daquele olho não conheciam o pescoço do olho.

Repare, o olho era uma sobrancelha. Uma terceira sobrancelha. Uma segunda sombra.

O olho abraçava sem mostrar o rosto.

O olho tremia, encerava o piso da pupila, para receber visita. Ninguém vinha, a casa limpa do olho cheia de perfumes do olho.

Seu corpo ficou com ciúme porque as pessoas somente notavam seu olho. O corpo cresceu rápido para fugir do olho, do apelido do olho. Os seios, o quadril, a mulher inteira para combater o olho baldio, o olho que não desejava crescer e sair da infância. Olho de boneca,

de vidro. Olho que dói sem doer, que não escorregava com o colírio, não secava direito suas pernas.

Enquanto os outros não tinham certeza para onde ela olhava, Ana temia ser olhada. Tampouco tinha certeza para quem olhava. Olhava a si mesma enquanto esperava que alguém a olhasse. Menina vesga. Menina tímida. Menina zarolha. Ana suportou seus apelidos com elegância. A dor sempre é elegante, a única forma de conversar com uma dor é pela dor.

Ana enxergou duplo toda sua vida. Enxergou duas vezes quando alguém chegava ou deixava de chegar. Enxergou duas vezes a tristeza, duas vezes a euforia. Um dos olhos da Ana já guardava o Vicente, espianando de canto para as pequenas veias desenhando uma criança.

Vicente foi o movimento de proteger o olho, de cuidar do olho, de não se diminuir com a troca, de não contar o troco, de não pedir a troca do olho.

Mãe não percebe somente quando seu filho chuta o ventre, percebe quando seu filho anda na ponta dos pés em cada palavra que usa. Esse movimento imperceptível de filho que avança como um soluço, um calafrio, uma contração – e que a mãe escuta como uma louca porque é parte de seu ritmo.

Mulheres têm pressentimentos longos. O Vicente esperou sua mãe dentro do seu olho.

Ao nascer, Ana apenas o reconheceu. Era o olho que sobrava. Seu olho preto. Pretíssimo. Olho de brinco de pérola.

UMA TOALHA E OITO VIDAS

Quando criança, Ésio não queria tomar banho. Não por preguiça ou desleixo. Não por receio ou molcagem. Não queria tomar banho porque não poderia se secar direito.

Havia apenas uma toalha para as oito crianças da casa. Ele era o caçula.

O último a receber o pano, então pesado, pegajoso e úmido. Um nojo que não podia recusar. Evitava olhar durante muito tempo o pano vermelho. Fingia independência. Mas o pano vermelho no gancho lhe torturava dizendo: “entra, entra, entra”.

Secava leve o corpo como se fosse um azulejo. O tecido não conseguia sugar nada. Comprimia a lã com a lentidão de uma esponja. Como se estivesse em carne viva, como se fosse uma só ferida, não querendo tocar. A sensação das roupas colando na pele, a sensação de suor alheio, de vida emprestada. O cheiro usado, vencido e vendido da toalha.

Até a etiqueta não se levantava mais, derrotada pela passagem de tantos nus em menos de uma hora. Melhor era sacudir os braços tal cachorro, jogar a água

longe e contar com a complacência do vento. Para se aquecer, corria ao sol se fosse de manhã ou diante do fogão a lenha se fosse de noite.

Acreditou até os cinquenta anos que foi o desfavorecido, a vítima. Ciúme dos seus sete irmãos que colhiam uma tolha mais seca, mais civilizada, mais risonha. Não compreendia a sina, o azar, a obrigação de cumprir o pior papel na fila indiana.

A pobreza fez brincadeira de mau gosto com ele. Não lhe permitia cheirar bem. Cheirava outra carne, outra pronúncia, outras covardias. Cheirava a própria falta de lugar.

Recentemente Êsio encontrou com seu irmão mais velho. O primogênito, o favorecido, o privilegiado, que pegava a toalha enquanto viva. Olhou fundo para ele, igual a uma criança subindo no banquinho de madeira para se observar no espelho. Acertaria as contas, desabafaria.

Conteve a raiva, disfarçou a voz com ternura:

– Como era se secar bem, usar a toalha pela primeira vez?, questionou.

Desejava descobrir a alegria do irmão, já que a inveja encabulou a pergunta ao longo das décadas.

Em vez de um riso franco de superioridade, o mano fechou o rosto, entortou a boca com repulsa:

– Horrível, era horrível, aquela toalha seca e usada doía como um pano de chão. Vinda do varal, as felpas duras arrancavam o couro, um porco-espinho. Eu ficava riscado e arranhado. Eu sentia ciúme porque você recebia a toalha amaciada e fofa.

Coleção Pedacos de Vida

Vicente cola seus olhos nos meus. Como uma luneta.
O nariz frio é a ponta de seu dedo me reconhecendo.
Com os rostos próximos, diz que tenho olhos de raposa. Enxerga uma raposa correndo de noite.

– Já viu antes uma raposa?

– Não, não preciso ver para saber como ela é.
O amor é mesmo uma cegueira, desde que não se percam os ouvidos e a boca.

